

# A REDEMPÇÃO

FOLHA ABOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA

Redactor+chefe Dr. Antonio Bento

SAE DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO 60 RÉIS

ANNO I

REDACÇÃO  
LARGO 7 DE SETEMBRO  
Propriedade de uma Associação

S. Paulo, 31 de Julho de 1887

ASSIGNATURAS  
CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 rs.  
Pagamento adiantado

N. 53

## EXPEDIENTE

E' nosso agente em toda provincia o sr. F. d'Almeida Garrett.

Pedimos aos nossos assignantes do interior o obsequio de nos enviarem o importe das assignaturas pelo correio.

Os Srs. assignantes poderão deduzir o importe do correio.

Toda a correspondencia relativa á parte economica desta folha deve ser dirigida a DINIZ & SOI, typographia UNIAO.

## A REDEMPÇÃO

S. PAULO, 31 DE JULHO DE 1887.

### O partido liberal

O discurso do astuto barão de Cotegipe respondendo á interpegação do deputado Affonso Celso, veio acclarar a situação, parecendo annunciar a fase progressista do partido conservador, menos no tocante á reforma do elemento servil.

Eis o que disse na camara temporaria o nobre presidente do conselho, em sessão de 26 :  
«Procurou-se achar nas palavras do nobre senador por Pernambuco alguma cousa de adiantado; o orador não viu nessas expressões senão o que era natural que s. ex. dissesse; não é possível que haja perfeito accordo em todas as idéas dos homens politicos de um paiz; ha algumas que se desejam, mas que não estão ainda amadurecidas; pensando assim, apontam-nos como emperrado.

O SR. ANDEADE FIGUEIRA:—E' injustiça que fazem a v. ex.  
O SR. BARÃO DE COTEGIPE (presidente do conselho) já disse uma vez que não gostava de trazer a sua autoridade para justificar seus argumentos; mas recorda

o dominio liberal de 1864 a 1867, em que esteve á testa do governo um liberal, conservador por indole, o conselheiro Zacharias, que accusava o partido conservador de não promover o progresso do paiz; expõe o que então disse, dando logar a que os liberaes historicos desajustem o governo conservador.

Disse que o partido conservador não é um marco; quando as idéas ameaçam as instituições, esse partido põe a junta do couce (hilaridade); quando, porém, vê que é mister o progresso reflectido, o partido conservador põe-se á frente da propaganda, porque essa é que é a sua missão.

Demonstra que não ha nenhuma medida progressista realisada que o partido conservador não tenha levado a effeito ou tomado parte na sua realisação, e historia o que se passou em relação á eleição directa, de que o orador era partidario e para a qual só concorreu quando julgou conveniente; é o seu systema, renuncia as suas idéas, sempre que entendendo dever ir de accordo com o seu partido.

O vulto proeminente da situação não é o barão de Cotegipe, mas o senador Paulino Soares de Souza, que em 1885 tendo declarado no senado estribar-se a monarchia, nas classes elevadas da sociedade, constituiu-se desde então o arbitro dos destinos da nação honrado por intima e completa confiança da dynastia reinante.

Representante da opinião escravista preferida pela monarchia, o sr. Paulino de Souza, obrigou o sr. João Alfredo a votar contra a fusão o anno passado, em nome do silencio, a recusar-se a defender o governo por occasião da discussão do orçamento do ministerio da justiça, a negar-se a secundar o gabinete, na recomposição ministerial pela saída do sr. Alfredo Chaves, e a assumir a responsabilidade de todos os actos do gabinete de 20 de Agosto, dando ministro por si no sr. Portella.

Quem será agora o vencido, o sr. Paulino ou sr. João Alfredo?  
A linguagem do nobre presidente do conselho já não é mais a do terrivel dilemma ou o ministerio de 20 de Agosto ou sr. Dantas, s. ex. já concorda em que o partido conservador não é avesso a reformas, sendo aliás autor de tudo quanto ha feito.

Que papel representam os liberaes, no systema que nos rege?  
Pode ainda continuar a prevalecer a politica liberal escravista, que nega á opposição o direito de ter aspirações, para esperar o dia em que for governo?  
Mas, porque titulos deverá então a opposição chegar ao poder?  
Falta José Bonifacio... é a resposta

angustiosa que a nação profere ao dirigir estas interrogações ao partido liberal corroido pela escravidão, minado pelo interesse individual e quasi dispersado pelas intrigas e ciúmes pessoais dos chefes, subordinados á impostura patriarchal do sr. Saraiva, que José Bonifacio havia quebrado.

Conjecturas bellicas começam a alarmar a paiz tendo hoje á frente de sua direcção magestática um principe ambicioso, que deseja popularisar-se por meio de uma guerra, e o partido liberal recetoso de desagradal-o, não faz ao governo a opposição que exige o patriotismo.

O ministerio ridicularizou a mariuha e perseguiu o exercito, estando, portanto, enfraquecido para promover a defesa da honra nacional em hypothese de um casus belli, e o que faz o partido liberal?

Em nome da conservação dos seus escravos deixa correr os acontecimentos sem providencia e intuitos governamentais.

Os conservadores, entretanto, assim não procederam, durante a luta com o Paraguay; desde que o Marquez de Caxias chegou ao theatro da guerra em 1866, organisaram uma opposição medonha ao gabinete Zacharias, só faltando atacar a insurreição para derribal-o.

Chamamos a attenção do partido liberal preoccupado com suas fazendas e seus escravos para o seguinte artigo escripto por Zacharias, na Reforma, em 1872.  
Elle recorda aquelles tempos, em que a sciencia e os principios constituíam os elementos de direcção dos partidos.

El-o:  
«As causas reais, portanto, da mudança politica de 1868 foram outras que não o inculcado meindre da prerogativa de nomear senadores.

Estava escripto que a espada victoriosa nos campos de batalha do Paraguay trouxesse de caminho a elevação de seu partido politico no imperio, ou que este subisse nas proximidades dos triumphos para colher-lhes os louros. E assim succedeu: tal foi uma das causas da mudança.

Outra causa.  
A aspiração de reformas era geral, veemente no paiz: o partido liberal instava por ellas.

Repellir de todo essas reformas, era impossível: não ha quem tenha força para impedir o progresso de uma nação que quer marchar. Deixal-as fazer o partido liberal, pareceu talvez arriscado: fora tratar face a face com a democracia.

Occorreu então um expediente engenhoso:  
«Façam-se sim as reformas liberaes: mas façam-se coadas pelo filtro conservador.»  
Reformas alcançadas pelo partido libe-

ral cheiram á iniciativa popular: não convém.

Filtradas no coadouro conservador, as reformas liberaes engodando o povo, deixam entresser, por isso mesmo que são da indole d'esse partido, iniciativa de cima e um quid de outorga, que em semelhantes casos tem especial significação.

Todos conhecem a observação de Luiz XVIII a Talleyrand, quando este procurava convence-lo do muito que importava á solidéz do seu throno, acceitar o poder como um dom espontaneo do povo e uma constituição pelo mesmo povo offerecida, em vez de outorgal-a. A resposta foi ingenua e caracteristica:

«Mais non, cher M. de Talleyrand, alors moi, je serai debout, et vous assis.»  
Tal é o segredo da outorga: quem dá, parece-se com Deus e conserva-se assentado; quem recebe, parece creatura e está de pé.

O expediente, cumpre diz-l-o, é engenhoso; mas não é esta a primeira, nem será a ultima cousa engenhosa, que não preste para nada.

Committer a conservadores a tarefa de liberaes é desnaturar um e outro partido.

Ainda mais: si o partido conservador é ao mesmo tempo o partido da ordem e da estabilidade: do movimento e da liberdade, segue-se que ao partido liberal não chegará jamais a vez de governar, são-lhe trancadas para sempre as portas do poder e, consequentemente, posto fóra da constituição.

Fica, pois, na arena um partido por assim dizer de duas faces, combinação monstruosa, que levaria naturalmente os cidadãos a um de dous extremos: o do desanimo e indifferença, ou o da resistencia e ataque á constituição, já que é em seu nome e sob a capa da prerogativa imperial que o engenhoso systema veiu á luz.

E talvez por isso que coincide com a inauguração d'aquelle systema o apparecimento entre nós do partido republicano, o qual já está organisando-se e adquirindo forças, á proporção que os dous partidos constitucionaes se forem desnaturando.»

## «Novidades»

O correspondente do *Novidades*, que escreve os seus artigos, em cima de uma das mesas da secretaria do governo e, portanto, não pôde ter a liberdade de independencia que nós temos, vem aconselhando ao dr. promotor publico que largue a questão de filiação desconhecida e deixe correr o marfim...

Ora, qual é o abolicionista que se

importa lá com essas causas tratadas pelo promotor publico da capital?

O dr. promotor publico o que tem feito é atrapallar a questão, impedindo que os abolicionistas já tratassem della, como era nossa tenção antiguisima fazer.

Não pensem que para nós essa questão de filiação desconhecida, é Xarope do Bosque; já em 1883 promovemos a liberdade de escravos do fallecido major Sebastião Azevedo, dando como razão terem sido elles matriculados com filiação desconhecida.

Tambem requeremos deposito de um escravo do conselheiro Carrão, de nome Damião pelo mesmo fundamento.

Verdade se diga que o faziamos por considerarmos esses individuos como africanos importados depois da lei, por que só africanos é que entendemos nós que podem ser matriculados com filiação desconhecida, porque não havendo lá registro de baptismo, nem registro civil, segundo nos afirmou o Vicente Rico, não se pôde procurar certidões dessa natureza.

Tambem diz o correspondente do *Novidades*, que o nosso jornal é incendiario.

Quantas casas queimamos nós até hoje?

Tirando alguns rójões que não nos consta que tenham incendiado as nuvens e alguns balões que por não ter pessoa pratica para fazel-o subir ou não terem sido feitos com todas as regras da arte incendiavam-se, nunca incendiamos cousa alguma!

E si esses balões saem mal feitos, a culpa não é nossa.

Deve o correspondente do *Novidades* tomar conta dos srs. Sarafana e Garcia, um com loja da China e outro com loja do Japão, que nos impingem balões com bocca tão apertada...

Mas, como S. Magestade agora está estudando detidamente essa questão de balões, vamos, naturalmente, ter esse genero de industria muito melhorado e não haverá mais incendios.

Quanto a grêve, continuamos a aconselhar aos abolicionistas do interior que a vão pregando porque purificam-se as fazendas desses patifes que tratam mais dos seus interesses do que da grandeza da nossa patria.

## FOLHETIM

(58)

STOWE

## A CABANA DO PAE THOMAZ

CAPITULO XVI

A nova senhora de Thomaz, e as suas opiniões

Se eu não fosse tão fraca, e tão doente, posto que a minha mão havia de se lhes fazer sentir dez vezes mais que a d'esse verdugo, que dizem tão horrivel! Elles vem ás vezes de lá a cantar!

— Mas como é que Saint-Clair se faz obedecer, pois que nunca lhes bate?

— Os homens têm por si mesmos mais autoridade, bem o sabe; além do que, já olhou bem para os seus olhos? Não lhe notou certa cousa de particular que não pôde explicar-se? Quando elle falla com decisão ou encolerizado, lançam como faisca, que me fazem estremecer a mim mesma! Os criados sabem que lhe devem obedecer; mas os meus ralhos, os meus castigos mesmo, não servem de nada!

— Esteja descansada, não haja medo que elles não obedecam ao seu mais pequeno aceno! Mas devia pôr-se no meu logar, e ver que eu não tenho a mesma influencia que elle! Verá, verá em breve, por experiencia, que sem severidade não se obtém nada d'elles.

São por natureza tão máos, tão velhacos, tão preguiçosos!

— Temos sempre a mesma cantilena! diz Saint-Clair, entrando, como o seu ar desleixado. Que terríveis conta essas perversas creaturas terão que dar um dia ao supremo Juiz, sobre tudo pela sua preguiça! Bem vê, minha prima, continúa elle, estendendo-se sobre um canapé defronte de sua mulher, que a sua preguiça é tanto menos desculpavel, que Maria e eu só lhe damos exemplos edificantes!

— E' de mais!... Tu abusas, Saint-Clair!

— Como assim! Parecia-me que fallava como um dos sete sabios da Grecia! Não faço senão apoiar as tuas observações!

— Bem sabes o contrario, Saint-Clair!

— Pois enganel-me! que mais queres?

— Estás cada vez mais insupportavel!

— Vamos, Mary! faz um calor suffocante, e acabo de ter com Adolpho uma disputa que me fatigou horrivelmente; sê pois amavel, e permite a um pobre mortal de gozar um instante do teu gracioso sorriso!

— Que tens a fazer com Adolpho? E' um atrevido, um insolente, que se torna cada dia mais insupportavel, e és tu que o tens feito assim!

Se eu fosse, por algum tempo, sua senhora absoluta, vel-o-ias em breve mudar de tom!

— O que dizes, minha cara, traz o sinete da tua perspicacidade, e do teu bom senso acostumado. Quanto a Adolpho, eis o caso:

O pobre rapaz applica-se ha tanto tempo a imitar as minhas graças, e as minhas perfeições, que acabou por se con-

fundir inteiramente comigo, engano que me vi obrigado a fazer-lhe observar.

— Como assim? perguntou Maria.

— Fiz-lhe comprehender, d'uma maneira explicita, que desejo conservar o gosto d'algumas das minhas camisas. Devi tambem limitar o seu luxo, quanto ao emprego da minha agua de Colonia; e emfim, tive a crueldade de não lhe deixar mais que uma duzia dos meus lenços de cambraia de linho. Adolpho estava quasi disposto a revoltar-se, e obrigou-me a assumir um tom, inteiramente paternal, para o fazer entrar no dever.

— Ah! Saint-Clair! quando é que aprenderás a governar os teus criados? E' horrivel tanta indulgencia! exclama Maria.

— Mas por fim de contas, que mal ha em que esse pobre diabo queira imitar seu amo? Se eu o eduquei assás mal, para que elle considere a agua de Colonia, e os lenços de cambraia de linho como o bem supremo, porque lh'os não hei-de eu dar?

— E porque é que não educou melhor? diz Miss Ophélie, com corajosa rudeza.

— Era demasiado trabalhoso. A preguiça, prima, a preguiça perde mais almas que tudo o mais. Sem a preguiça, eu mesmo seria um anjo! Inclino-me a acreditar que a preguiça é o que o seu velho doutor Bothers, no Vermont, tinha por costume chamar a «essencia do mal moral» e faz, na verdade, estremecer pensar n'isso!

— Que terrivel responsabilidade pesa sobre vós outros, possuidores de escravos! Por causa alguma d'este mundo eu queeria ter tal peso! Daverieis, ins-

truir vossos escravos, e tratal-os como creaturas racionais, como almas immortaes! Haveris de responder por elles diante do Tribunal de Deus, tal é a minha convicção! exclamou Miss Ophélie, deixando emfim transbordar as vagas de indignação, que incessantemente se haviam accumulado em seu peito desde o almoco.

— Vamos, vamos, diz Saint-Clair, levantando-se com vivacidade, esta ainda longe de nos conhecer!

E pondo-se ao piano, começou a tocar negligentemente uma alegre walsa. Saint-Clair possuia um grande talento musical; seu toque era firme e brilhante, e seus dedos corriam sobre as téclas com a ligeireza da andorinha frisando as aguas. Tocou diferentes peças, sem parar, como um homem que quer desterrar uma idéa importuna; mas deixando, emfim, a musica para a lado, deixou o piano.

— Pois bem, minha prima, diz elle jovialmente, fez-nos um excellente sermão, e cumprio o dever; mais direitos tem por isso á minha estima. Não duvido que seja uma verdade, uma verdadeira perola com que me quiz gratificar; mas arremegou-m'a com tanta força á cara, que pensei ser uma pedra, e só como tal a tomei ao principio.

— Pela minha parte, não sei para que servem taes conversas! diz Maria.— Desejava que me dissessem se ha alguém que trate os seus escravos melhor do que nós? E de que lhes serve isso? Cada vez são piores! Quanto a ensinar-lhes seus deveres, tenho-me cansado de o fazer. Podem ir á Igreja quando querem, posto que não veja n'isso utilidade alguma;

pois comprehendem tanto a religião, como a comprehenderia um rebanho de porcos, se lá o levassem! mas, emfim, lá vão; que mais querem? Não comprehendem que é uma raça aviltada e deprimida, que o será sempre, por mais que façam! Não conhece ainda o que elles são, prima Ophélie! Se tivesse nascido e vivido sempre entre elles, como eu, saberia!

Miss Ophélie, achando que tinha sufficientemente fallado por agora, guardou o silencio. Saint-Clair pôz-se a assoviar uma ária.

— Se fizesses favor, Saint-Clair, de não assobiar, porque me augmentas as minhas dores de cabeças!

— Peço mil perdões! diz Saint-Clair. Não ha mais nada de que desejes me abstenha?

— Desejaria que tivesses mais alguma compaixão dos meus tormentos; mas és inteiramente insensivel a elles!

— Oh! caro anjo accusador! exclama Saint-Clair, com ar comico.

— Não ha nada que me desespere tanto, como ouvir-te fallar-me assim!

— Não me farias o favor de me dizer como queres que te falle, para eu me conformar ás tuas ordens?

Uma argentina e fresca risada se ouviu n'esse momento no pateo. Saint-Clair corre á varanda, e em breve se ouviram tambem as suas risadas.

— O que é? diz Miss Ophélie, chegando igualmente á varanda.

(Continúa.)

## Evolucionismo

V

Fomos chamados a arena, pelo artigo de GALNEI publicado na *Redempção* n. 53, de 14 do corrente; e não devíamos faltar: *Noblesse oblige*.

Fez em seu artigo uma declaração, que não devemos deixar de transcrever. É a seguinte:

«Declaramos peremptoriamente que não tinhamos intenção de servir a causa dos escravistas, apresentando o nosso plano; porque pelo nosso carácter, pelas idéas que accetamos e pelos princípios que professamos, estão bem definidos os nossos sentimentos abolicionistas.»

Cumprido o dever de lealdade transcrevendo a declaração de GALNEI, continuaremos a discutir o seu plano de abolição.

Confessamos que esse plano tem mais orientação do que alguns projectos apresentados na assembléa geral legislativa e que entretanto foram tão proclamados pela imprensa fluminense; porém, nem nós e nem a redacção da *Redempção* accetamos esses projectos como a ultima palavra na questão do elemento servil.

Nós queremos a abolição immediata, sem indemnisação e sem condição alguma.

A escravidão é um roubo; e a victima desse roubo o escravidão, não foi só extorquido no seu trabalho, no fructo do seu suor; foi mais longe o crime: Arrancaram-lhe de seus braços a sua mãe, a sua esposa e os seus filhos.

Petreficaram-lhe o amor e as lagrimas, e provocaram no seu miserio e tribulado coração—o odio á raça branca.

Além de todos esses crimes: Mergulharam o pobre espirito nas trevas da ignorancia, impedindo o exercicio da razão, o desenvolvimento da intelligencia, a formação do character, a evolução da consciencia e ainda mais—o goso da liberdade!!

O criminoso que commette um roubo qualquer e prejudica a victima apenas no valor do objecto roubado, é punido rigorosamente. Entretanto, o criminoso que rouba tudo que a sua victima possui, e ainda rouba-lhe a honra, a intelligencia, a consciencia e a liberdade, e não satisfeito, preestabelece que todo o producto do trabalho presente e futuro de sua victima lhe ha de pertencer, não é criminoso!

A esse réu, no nosso paiz, chama-se: Senhor de escravos, em lugar de chamar-se: Ladrão!

Abrem-lhes as portas dos palacios em lugar de fechar-se sobre elles as portas dos calabouços.

Ao ladrão que rouba uma moeda, restitue-se-a immediatamente ao roubado e conduz-se o criminoso á prisão. Si em lugar de uma moeda for um objecto, váse buscar até na casa do comprador do roubo, e obriga-se a restituir o objecto.

Alguns dias considerou-se o ladrão com direito de pedir uma espera de tres annos para restituir o objecto roubado?

Não! nem um minuto, nem um segundo, responde unanimemente: A lei, os magistrados e o povo.

Portanto não podemos consentir que os ladrões de casaca, que reduziram á escravidão, pessoas livres, roubando-lhes tudo que possuíam e tudo que não de possuir, tenham direito a um prazo de espera, para restituirem os objectos e as pessoas roubadas.

Consentir que elles permaneçam mais algum tempo na posse do roubo é ser cúmplice no crime de pirataria.

Ainda queremos mais, não queremos só a liberdade para as infelizes creaturas que foram reduzidas a escravidão; queremos que em compensação, se lhes conceda tantos beneficios ou mais do que os que concedemos aos immigrants.

Agora, queremos a abolição immediata, com indemnisação, sim, que espoliador indemnisar o ex-escravado, como disse GALNEI em seu artigo de 20 de Janeiro.

Nós abolicionistas, já não nos contentamos com a abolição, queremos também a reparação.

S. Paulo, 28 de Julho de 1887.

REI-LORTOR.

### Damaso (ora bolas) Xavier da Silva

Julgavamos que em Campinas o emprego de delegado fosse occupado por algum homem sério, bem vestido, illustrado, de sobrecasaca, que fallasse e escrevesse correctamente e de botinas.

Campinas tem os fóros de cidade civilisada, tem uma quantidade immensa de doutores de diversos nappes, tem uma boa porção de barões, commenda ores e fidalgos; tem muitos coronéis, tenentes-coronéis e mais officias da guarda nacional.

Tem uma rapaziada, uns de bigodes, outros de barba ingleza e outros de cavagnacs; portanto numa terra que tem tanto pessoal, como esta capital, e poderia o governo no meio de todo esse

povo, ter escolhido um homem na posição de poder exercer um cargo como o de delegado, com toda a limpeza.

Quinta-feira, tivemos a occasião de vêr pela primeira vez, o sr. Damaso (ora bolas!) Xavier da Silva.

Julgavamos que era um destes carreiros aqui de S. Paulo, que ia a policia pedir providencias sobre qualquer accidente que tivesse acontecido a algum boi.

Um homem mal vestido, mal fallado, com paletot, todo roto, chapéu com dous metros de pelo, fazendo recordar um celebre chapéu que usava o revd. padre Miguel, de Campinas.

Um sobretudo, que segundo nos affirmam, foi tomado emprestado para poder apparecer em S. Paulo.

Uma botina que nada tinha de elegante, nem pela natureza da sola nem pela especie do couro; pois pelos arranhos de alguns pontos pareciam dentes de cachorro.

Contaram-nos pessoas bem informadas que, quando s. exc. o sr. chefe de policia viu o delegado, botou as mãos nas ilhargas e rompeu em uma estrondosa manifestação de riso, sem que ninguém lhe fizesse cocegas.

Ora para Campinas, terra de Antonio Americo, só mesmo um camarada de contracto feito delegado.

A verdade é que esse delegado passou tão rapidamente por esta cidade, que não tivemos occasião, infelizmente, de applicar-lhe um christel e de mandar-lhe raspar a sobrancelha do olho esquerdo, pena que costumamos applicar aos capitães do matto em occasiões asiagas.

Sr. visconde de Parnahyba, para honra da policia mande fornecer da arrecadação dos trens bellicos, algum fardamento á esse delegado ao menos para quando vier a S. Paulo.

Affirma o alferes Rodolpho que quando o delegado Damaso (ora bolas!) Xavier da Silva, foi á estação central, descobriu na péra para o lado esquerdo, como quem vae para a orelha dita, um casal de moquiranas que passeava impunemente deixando resquícios de ovos pelo caminho.

Para Campinas só mesmo um Damaso Xavier (ora bolas!) da Silva.

Campineiros por dignidade desse lugar onde existem tantos alfalates, tirem uma subscrição e dae uma muda de roupa domingueira, para esse homem vir a S. Paulo; caso o sr. visconde de Parnahyba não forneça da arrecadação dos trens bellicos o que pedimos.

### Como os inglezes entendem as nossas cousas

Lêmos no *The British Trade Journal* de 1 do corrente, pag 414, o seguinte:

«Foi agora apresentado ao parlamento brasileiro um projecto providenciando sobre a abolição da escravidão. Em 1871 já passou uma lei estabelecendo a emancipação gradual. Os senhores eram obrigados a matricular os escravos, sob pena de serem declarados livres aquelles que não forem matriculados dentro de certo prazo, excepto os maiores de 60 annos, que são considerados livres.»

O numero de escravos então matriculados attingiu a cerca de 2.000.000; ao passo que em 1886 desceu a..... 1,200.000.»

É notavel a myopia ingleza a nosso respeito, apesar de estarmos em constantes relações commerciaes.

A lei de 1871, cantada em prosa e verso em todos os recantos da Europa, passou pela Inglaterra, como gato por brasas e por isso lá se ignora ainda que o seu principal objectivo foi a libertação do ventre escravo em vez de emancipação gradual.

Os escravos de 60 annos não foram libertos por essa lei, mas pela de 1883, que ainda estabeleceu a condição de serviços por 3 annos.

O numero de escravos da matricula de 1871 attingiu a cerca de..... 4,300.000, e o da matricula de 1885 não chegará a 700.000.

Si os inglezes começam por essa fórmula a estudar o Brazil, poderemos ser felizes ou infelizes em nossas appellações commerciaes, conforme o lado bom ou máo pelo qual sejamos estudados por elles.

É preciso, pois, que previnamos os *quis pro quibus*, e não justifiemos de facto o annexim:

E só para inglez ver.

## A escravidão e a guerra

A illustrada redacção do *Paiz* escrevendo sobre a hypothese de uma guerra entre o Brazil e a Republica Argentina, redigiu as seguintes linhas:

«Nada seria hoje mais desastroso para os dous povos americanos do que uma guerra.»

Ella seria tão funesta ao Brazil como á Republica Argentina, e por mais que a cohesão nacional se tenha fornicado no espirito da população platina, o proprio facto recente da revolução de Tucuman e os resentimentos abafados que por vezes fazem explosão nas provincias de Corrientes e Entre-Rios, devem advertir ao governo argentino de que no seio da sua nacionalidade ainda ha elementos de combustão que pôdem pôr em perigo a unidade da confederação.

É certo que pela errada politica do gabinete temos ultimamente feito resurgir na Confederação Argentina os odios antigos; é certo que por essa mesma politica temos dado força ao Estado Oriental, ao grupo annexionista que favorece a reincorporação da patria, grande pela reconstrução do antigo vice-reinado nas bases modernas do regime federativo; e mas os valiosos interesses dependentes da manutenção da paz, o apuro das finanças, n'um e n'outro paiz, a necessidade de incrementar os elementos naturaes da riqueza e do poder dos dous Estados, atrahindo a immigração e os capitães estrangeiros para que venham fecundar as fontes do nosso engrandecimento, tudo isso deve influir para que os dous povos e os dous governos sejam prudentes e discretos, não aventurando em uma guerra fratricida a opulencia e a prosperidade das duas nações.»

Além de tudo quanto pondera o illustre contemporaneo, ha para o nosso paiz a asoberba da desvantagem, de achar-se a braços com a agitada questão da terminação do captiveiro.

Escrevendo sobre a influencia da escravidão domestica, sobre a independencia nacional dos povos possuidores de escravos, Charles Comte adduzio tão judiciosas considerações no seu tratado de legislação, que vamos transcrevelas:

«O effeito immediato da escravidão é collocar o homem posto em estado de hostilidade contra aquelle que o possui.»

Este estado não resulta sómente do padecimento imposto pelas violencias e das extorsões exercidas sobre o escravo, provém sobretudo do desejo enherente a cada individuo, de perpetuar a sua especie e de contribuir para o bem estar de sua descendencia.

Um homem subordinado á classe das cousas e cahido no ultimo termo da degradação a que um ser da sua especie possa descer, vê todas as miserias da escravidão, estender-se sobre sua descendencia, até á posteridade, a mais distante.

Durante a permanencia da escravidão, a raça subjugada verá sempre os paes e mães, impotentes para sua visarem a sorte de seus filhos, os maridos a de suas mulheres, os irmãos a das irmãs, os filhos a dos paes, sendo para elles os inimigos mais terríveis os seus senhores e sua descendencia.

Daqui segue-se que os mesmos motivos que resolvem uma população opprimida a ligar-se a todo aquelle que quer privar os oppressores de seu poder, e induzem-na a alliar-se até a uma potencia estrangeira, que aspire subjugal-os, influem sobre o escravo que não tem propriedade, que não receia o saque e o assedio, e pôde ao contrario tirar proveito da confusão e da desordem, para recobrar a sua liberdade sendo, portanto, um elemento de fraqueza para uma nação belligerante em relação a outra que os não possui.

Elles nada tem que receiar no sentido de que peiore a sua posição, porquanto o mais que pôde acontecer é haver uma mudança de senhor dada entre os invasores e os invadidos.

Dois exercitos são pois necessarios: um para vigiar o movimento dos escravos, previnindo e reprimindo as insurreições e outro que vele pela segurança e combata o inimigo externo.»

Na Polónia, descreve o illustre escriptor, o exemplo vivo da influencia da escravidão, no tocante a desvantagem que ella traz para o estado que a possui, dado um rompimento bellico.

Na guerra do Paraguay, a questão do elemento servil ainda não estava agitada, de sorte, que os escravos, não se achavam esclacidos como agora pela imprensa, pela tribuna popular, como pelo parlamento.

A hypothese de uma guerra apparece, portanto, depois que pela lei Rio-Branco, se firmou o principio, de que sete annos de serviço bastavam para pagar o resgate da liberdade a quem tivesse emprestado o preço.

Se fosse desferido o primeiro tiro o echo de sua detonação viria a misturar-se com os gemidos das victimas que a reacção tem multiplicado quer entre os escravos, como entre os homens livres, que lutam para regenerar a patria.

Nestas condições que garantias de paz interna offererecia o governo, se fosse declarada a guerra?

Extremada como tem sido a luta a ponto de em nome do sordido interesse, responder-se insolentemente aos que pedem a abolição, assim procederem porque nada têm o que perder, com que entusiasmo e dedicação, conta o governo para dirigir um appello á boa vontade da nação?

O patriotismo na hora do perigo? Mas que patria é esta, onde a Constituição as leis ordinarias, as garantias do processo, os principios da hermeneutica juridica, cedem todos ao egoismo do interesse do individuo e das classes privilegiadas, á sombra da instituição do captiveiro?

Se são estas as considerações, que suggere a situação, parece não estar longe do pensamento conservador, uma medida definitiva sobre a abolição immediata.

Coincide com o movimento conservador nesta provincia, de libertações espontaneas, com restricção da liberdade pela prestação de serviços, a declaração do nobre presidente do conselho de que o partido conservador não é infenso ao progresso e a reformas amadurecidas na consciencia nacional.

A primeira lei de 28 de Setembro foi elaborada por conservadores.

A segunda, disse-o o sr. Saraiva na sessão do senado de 24 de Agosto, foi obra da maioria formada pelos dous partidos constitucionaes, com opposição da minoria também dos dous partidos.

É sabido que em relação ao partido liberal, a maioria fez opposição ao sr. Saraiva, sendo a passagem da lei devida aos conservadores da camara temporaria e do senado, que se oppuzeram ás emendas dos liberaes.

Ora, tendo sido esta reforma aspirada pelo partido liberal em 1867, que por essa razão foi vigorosamente accusado pelos conservadores, que papel representarão perante a historia os chefes liberaes de S. Paulo, collocados na retaguarda dos conservadores, quer na doutrina quer nos actos?

Terão direito a merecer a confiança de seus correligionarios?

Em nome de que principios pedem a união e a tolerancia dos homens?

Não são os rotulos o que fazem os partidos mas as ideias!

Os chefes liberaes de S. Paulo, são saraivistas, conservadores de facto pelo interesse e pelas ideias e liberaes pelo vago do alarde e indefinido das promessas.

Se não é possível haver um partido liberal, segundo o seu ideal scientifico, alma e substancia de sua disciplina, então não illudam—dissolvam se, ou tenham coragem de afirmar as côres da sua bandeira.

Se o partido conservador fizer a abolição em nome de que principios os chefes liberaes de S. Paulo quererão subir ao poder?...

Não ha outras reformas que elles também já apregoam, aspirar e até como meio de não tocar naquella?

Estamos no liberalismo do imprevisto e da surpresa.

### Armamento Comblain

Segundo lêmos no *Correio Paulistano*, o *Liberal Paulista* ultimamente tem feito do armamento Comblain, arma de opposição ao presidente da provincia.

Sem que queiramos apoiar os actos do sr. presidente, porque nós, affastados de todos os partidos, só tratamos da abolição; contudo achamos ridiculo por demais essas teias de aranha com que amarram os liberaes o presidente da provincia.

Pois desde que existe um armamento mais perfeito tem a provincia de renovar o antigo que está completamente estragado, é justo que o presidente empregue bem o dinheiro que tem de despendar, preferindo o que fôr melhor.

Querem por ventura os liberaes, que a policia desta provincia se arme com pistolas de taquara e casca de lanranja?!

Que quando tenham de fazer uma diligencia depois de bem estrefagados principiém a fazer bananas para os adversarios?!

O partido conservador é tão feliz que ainda não encontrou da parte dos liberaes uma opposição verdadeiramente séria.

Porque razão o *Liberal Paulista* não accusa a presidencia da provincia, por occupar a maior parte da força publica, nas estações para agarrarem pretos fugidos?!

Isso acham correcto os liberaes porque um dos redactores dessa folha tem uma fazenda em Campinas e precisa manter a instrucção de que é adepto mandando esvergalhar os escravos, como obra de caridade.

Precisam também os srs. Queirozes e Gaviões, para manter a sua propriedade dessas providencias dadas pelo sr. presidente da provincia.

Sobre filiação desconhecida que esperavamos que esse jornal liberal esboçasse alguma cousa em auxilio dos abolicionistas, o sr. Gavião que é a melhor penna do partido liberal e o unico homem capaz de substituir o conselheiro José Bonifacio, o gastou o seu tempo escrevendo longos artigos, contra o direito dos miseros escravos.

Foi preciso que uma influencia liberal, o sr. dr. Antonio Francisco impozesse ao directorio desse partido, que não consentisse mais nesse jornal artigos contra a pretensão dos miseros escravos.

A que vem fazer-se do armamento Comblain opposição ao presidente.

Ou a administração do sr. visconde de Parnahyba tem sido boa e os liberaes não encontram materia senão cousas ridiculas;

Ou então o partido liberal perdeu toda a capacidade e intelligencia para sustentar a eternisação do elemento servil, então só escreve asneiras.

1889

Acaba o lavrador do municipio de Santa Branca, o illm sr. Delfino Martins de Siqueira, de praticar um acto digno dos maiores elogios que se podem fazer, á nobresa dos sentimentos humanos.

Como sabemos o sr. Delfino, não tem como outros lavradores, riqueza para com ellas poder viver sem trabalho, assim pois grande foi a generosidade do mesmo, promettendo libertar os seus quatro unicos escravizados, em o dia 14 de Julho de 1889.

É com praser que damos a publicidade, o acto do sr. Delfino sendo elle o primeiro que no municipio de Santa Branca vem marcar o dia em o qual o sol da liberdade illuminará a fronte daquelles que a tanto tempo os lançaram nas trevas da escravidão.

Possa o exemplo do sr. Delfino, servir de iniciativa aos lavradores e fazendeiros desse municipio, libertando os seus escravizados, dando assim um exemplo de bondade, e ao mesmo tempo fazendo desaparecer para sempre, do seu municipio o braço escravo, trocando assim as lagrimas de tantos e de tanto tempo vertidos dos olhos do escravo, pelo riso, pelas festas e pela alegria, que só a liberdade pôde trazer consigo.

Parabens ao sr. Delfino.

### Obstaculos ao nosso progresso e civilisação

Este nosso immenso paiz, que conta hoje tresentos e oitenta e sete annos, desde a sua descoberta, podia achar-se em um grau de adiantamento muito mais elevado, si não fóra a antiga mania—de julgarmos sempre a gallinha do vizinho mais gorda que a nossa.

Não temos fé no que nos pertence, dando muito mais apreço e admiração a tudo o que é do estrangeiro, e a mór parte das vezes, simples e unicamente por esse facto!

Esquecendo-nos das nossas glorias brasileiras, verdadeiros vultos, como: José Bonifacio, Bernardo Guimarães, Carlos Gomes, e tantos outros, nos arrojamos louca e apaixonadamente aos pés de uma actriz parisiense, e dizemos:

—Eis aqui tudo o que é grande!

Não deve ser assim, embora essa actriz seja um genio, porque tudo tem seus limites.

Do estrangeiro importamos até a propria palha para cigarros!

Outro mal:

Os brazileiros são, em sua maioria, verdadeiros carneiros: para onde um se dirige, todos o acompanham; se um trata de qualquer ramo de negocio, e

UNICA NA  
PROVINCIA  
E sem competidor

Camisaria Especial  
RUA DA IMPERATRIZ, 55  
S. PAULO

SORTIMENTO

immenso em roupa branca para  
homens e meninos  
Em preços  
NINGUEM PODE COMPETIR

obtem bom resultado, todos querem seguir-o, gerando em tudo a desordem e a confusão.

Além desses prejuizos, ha ainda outro na educação social: os pais não estudam a vocação de seus filhos, fazendo, muitas vezes, de um homem que devia ser medico, um bacharel em direito; de um bacharel, um artista, e de um artista, um commerciante.

Por essa fórma, nunca chegaremos á perfeição: o medico não cumprirá seus deveres, o commerciante soffrerá prejuizos, e o bacharel não gostará de ouvir a leitura dos autos.

Acabemos, pois, com tudo isso: sejamos um pouco mais patriotas, procuremos orientar da melhor fórma a actual geração, nos diversos ramos da vida, para termos em breve tempo, a espantosa prosperidade, a verdadeira riqueza e as luzes da civilisação espalhadas por todo o Brazil.

ACRISIO ARAUJO.

Introdução de escravos de outras provincias

E' preciso que o governo dê as mais energicas providencias, para impedir a entrada de escravos, de outras provincias para esta.

Não ha dia que não passem immensos comboios de miseros escravos que da provincia do Rio entram para esta, para serem vendidos.

Se esses negociantes são felizes, transportam suas mercadorias para o logar do negocio, e se são infelizes, passam uma carta de liberdade antedatada, com condição de serviços por cinco e mais annos!

Ha poucos dias, veio por terra, de Barra-Mansa, um comboio de escravos de um commendador, talvez da Villa Vicos, Antonio Borges.

Ha uma lei provincial que obriga essa gente a pagar um imposto de dous contos de reis, por cada escravo, mas ella está sendo violada por esses patifes.

O unico meio pratico, de impedir esse trafico, é o de exigir a policia desses patifes: 1° a matricula desses escravos, 2° a carta de liberdade competentemente registrada, 3° a baixa dada a esses escravizados, nessas collectorias onde foram matriculados.

Não é justo nem decente, que outras provincias venham assim nesta diffcultar a redempção dos escravos.

Feijoada estragada

Ha poucos dias noticiamos que, em Carlos do Pinhal, 21 escravos da fazenda denominada—Horta, propriedade de D. Amelia Hygina de Souza squita, tinham estragado completamente a feijoada de um patife que, não admistrador judiava com elles.

Pois bem, não se fez esperar a justiça de S. Carlos do Pinhal.

No dia 26, os caboclos vadios e capangas do matto, escória da sociedade, vadia do genero humano, Joaquim Barbosa vulgo Cabreuva, João Rufino, outr'ora fabricante de velas de cera, em Piracicaba, e hoje capitão do matto, e mais dous caboclos vagabundos miseraveis entraram na cadeia de S. Carlos do Pinhal e amarraram esses pobres homens de dous a dous e levaram para a fazenda onde naturalmente, com o apoio da policia, já foi executada a lei do bacalháu, que foi abolida pela assembléa geral.

O que admira-nos é que o povo deslogar, assistisse impassivel a essa maldade, sem mandar para o inferno os cachorros desocupados, que violem o officio de carrascos.

Swancamos e juramos por Deus, esta capital, não se daria um faste.

Swantamos nós, agora, se essa tal Hygina de Souza Mesquita,

si foi por sua ordem que se fez tudo isso, e se ella assistiu quando despiram os pretos para applicarem os supplicios.

A escravidão traz baixezas de tal ordem, que ha mulheres que se extasiam em assistir esses supplicios, especialmente pelo interesse de ver marmotas. Realmente este paiz é o mais barbaro de toda a America.

Acto digno de louvor

O nosso jornal até hoje tem mantido o maior silencio, sobre actos de benevolencia, praticados por diversos cidadãos nesta provincia.

Somos aváros, na distribuição da justiça que fazemos; mas, um facto tão estupendo praticou um inportante cidadão nesta capital, que deixou-nos de bocca-aberta.

Calar sobre um acto tão importante é fazer injustiça.

Nada mais, nada menos é; nada mais, nada menos foi, do que o Exmo. Marquez de Tres Rios, libertar uma rapariga de 40 annos de idade por 600\$000 reis.

Os jornaes que elogiam tudo deixaram passar esse acto desapercibido, quando podia *Inhã Isabé*, mandar-lhe um diploma de duque!

E dizem os beócios que no Brazil não ha nobres.

Que diz campinas, ao seu conde de Monte Cristo?

Uma liberdade por 9\$600

Na Côte foram presos uns escravos de uma padaria por terem promovido desordem.

No dia seguinte, um dos socios da firma Netto & Irmão, delles proprietario foi buscado á detenção, e na volta, um delles, o escravo Epiphany, pediu ao senhor para levar-o á policia, afim de lhe ser concedida a liberdade, mediante essa quantia.

O senhor accedeu e o levou a policia. Ahi chegando, Epiphany, tirando um embrulho, que dizia conter os 800\$000, disse que já estava arrependido de ter oferecido esse dinheiro e que não dava mais de 50\$000 pela sua liberdade.

Depois de alguma relucancia, Netto, suppondo que o embrulho continha realmente os 800\$000, annuiu em passar carta de liberdade, recebendo como indemnisação o mesmo embrulho.

Passada immediatamente á carta de liberdade e entregue ao referido, escravo este retirou-se muito satisfeito, depois de ter entregue o tal embrulho ao seu ex-senhôr.

Mais tarde indo este verificar o conteúdo, achou somente a quantia de 9\$600!

Boa pilheria! Mesmo um embrulho! O Paiz dando a noticia disse: «Não foi muito caro!» E nós diremos:

Foi ainda excessiva generosidade de quem, não devendo ser escravo de ninguém, e tendo direito á indemnisação dos serviços que prestara de graça, para restituirem-lhe o que era seu deus ainda 9\$600!

A maioria do paiz tolera a escravidão por uma complacencia ou descuido das necessidades do paiz, e por isso é que admira libertar-se um homem livre por 9\$600!

Triste paiz

Omissões de matricula

Na petição em que a parda Honorata, escrava de d. Maria Amelia Durão, requereu ao juiz substituto da 2ª vara civil a effectividade de sua liberdade, deu hontem o sr. dr. Costa Braga o seguinte despacho:

«Não tem logar o que requer, visto a disposição de lei que declara livre, sem mais formalidades, o escravo que não fôr dado á matricula.»

(Do Paiz de 29.)

Fusão politica

Lê-se na *Provincia*, de hontem: «Os dous partidos monarchicos da villa do Carmo da Franca acham-se colligados e elegeram um directorio, em reunião de 17 do corrente, composto de 4 conservadores e outros tantos liberaes.» Coincide com este facto a fusão do conselheiro Saraiva com o governo e o partido conservador escravocrata, na votação do orçamento do ministerio do imperio.

Que o sr. Saraiva, não tem outros meritos alem de ser um ambicioso e invejoso dos grandes talentos do partido liberal no senado, é facto já julgado na historia contemporanea.

Amparar o governo, a quem accusou de ter falsado o pensamento da sua grande reforma, no momento em que o proprio partido conservador o abandonou, é assignar francamente um rompimento com os liberaes.

Antes assim, sejam poucos, mas livres de espíes inimigos com pretensões a patriarchas.

ALBUM ABOLICIONISTA

O abaixo assignado, residente nesta capital, declara desistir dos serviços que lhe tem de prestar o liberto Adão, serviços estes que lhe foram doados por seu pai Romão Teixeira Leomil quando conditionalmente libertara-o. Por verdade faz presente declaração. S. Paulo 30 de Julho de 1887.

ANTONIO A. T. LEOMIL.

SECÇÃO ESPECIAL

Chronica de annos

Faz annos, em Jacarehy, o Ramos Vendido por não ter querido assignar a concordata.

Em o dito logar, fará annos, quando para lá fór, o José Gonçalves Pereira, com a parte de um preto *maduro* se lhe quizer arrancar algum dente.

O Bento dentista, faz annos, porque ainda não libertou o moleque, ficando esperada a sua sobrecasaquinha, para quando crescer o rabo da dita, fazer tambem annos.

O Maneco Toco, se fór verdade que denuncia seus collegas, faz annos até serenando.

Em Mogy das Cruzes, faz annos, o Chico Freire Coronel, com todos os seus escravos, por não gostar da *Redempção*.

O Paulo Dias, faz annos, por não resolver a questão do Pae Pedro.

Os liberaes escravocratas, fazem annos, todos, por atacado e a varejo, ficando esperados, para fazerem annos, de um a um, quando resolvermos.

O Damaso, (ora bolas) Xavier da Silva, faz annos, esta semana, nesta capital, ficando esperado, em Campinas, o furriel bode-negro, para quando fór recolhido.

Faz annos, uma carapuça, que de Rezende veio á S. Paulo, na cabeça de um capitão do matto.

Em Campinas, fazem annos, os escravocratas remissos que não dão liberdade aos miseros escravos.

Em Lorena, faz annos, o delegado Francisco de Assis Oliveira Borges, por impedir que o jornal d'ali noticiasse a prisão de um escravo de Alexandrino Marcondes, que tambem faz annos, em Caçapava.

Faz annos, no mesmo logar, horas depois, o mesmo delegado, por ter mandado prender o sexagenario. Sebas, tíãozinho, por pedido do major Nôvaes-que tambem faz annos.

Fazem annos, nesta capital, vindos da Limeira, Leandro Castilho e José Maciel, a cata de pretos fugidos.

Fazem annos, em S. Carlos do Pinhal, João Rufino, vagabundo e capitão do matto, por viver desse torpe officio.

No mesmo logar, faz annos, se lá

estiver a proprietaria da fazenda denominada *Horta*.

No mesmo logar, o delegado de policia, que consente que amarrem pobres pretos, dentro da cadeia.

No mesmo logar, faz annos, o Joaquim Barbosa Cabreuva, que já foi e hoje se presta a ser algoz de seus parceiros.

No mesmo logar, faz annos, o Zé-povinho, que sem vergonha, nem brio, assiste espectaculos barbaros contra pobres escravos, e não os soccorre.

Em Bragança, faz annos, o mulato Evaristo, capitão do matto sem vergonha, que foi escravo de Emygídio Corêa da Silva Benevenuto.

Eicam esperados, no mesmo logar, o nariz do Chico Triste, a careca do Zé Albano.

O Antonio do Padre, faz annos, perenemente, ficando o Carneiro esperado, para quando casar-se.

O Batata, faz annos, no Amparo. O Delaborde, em Santo Amaro. O Pacau, na Consolação.

O Antonio Americo, em Campinas. Faz annos, em Sorocaba, Justiniano M. S., conservador, liberal, republicano, catholico romano, protestante, athéo e pessimista.

Faz igualmente annos, na mesma cidade, Mané Piloto, eleitor por possuir um barris de pinga sobre uma mesa e candidato pela vaga de um vereador.

Tambem, nessa localidade, faz annos, M. Pires, escravagista consummado e que muito se deleita em torturar os escravos.

Theodorico Valentim Correia, inspector de quarteirão, que frequentemente se manda engaiolar, por suas bravatas, tambem faz annos, em Sorocaba.

SECÇÃO PARTICULAR

TATUHY

Na noite de 17 do corrente o povo tatuhyense foi testemunha de uma scena degradante e immoral, cujo protagonista foi o celebre dr. Coriolano Dutra, que ha pouco retirou se de Sorocaba... por não poder continuar a viver alli!

Scena I

Eram oito horas da noite. Tudo calmo, tudo tranquillo... Apenas, no pateo da matriz, o silencio era interrompido pelo choque produzido pelas bolas de um bilhar em que alguns rapazes jogavam a sua partida.

A policia apitou! O que será? Continuarão os apitos mais e mais... A valente capangagem do governo corria para aqui e acolá, apitando sempre!

Ao clarão duvidoso da lua brilhavam os reflexos, que empunhavam os valentes perturbadores da ordem publica, vestidos de farda.

O que haverá? Algum roubo? Algum assassinato?

Ninguém podia responder a estas interrogações e todos mostravam a mais viva curiosidade em saber do motivo que dera causa á tamanha reboliço.

O celebre delegado de policia Raphael Caetano da Silva, vulgo *Raphael Mentira*, que em outra qualquer parte do mundo não seria digno de occupar o logar de porteiro de um conventillo, dirigia a valente policia no miseravel combate que se ia dar.

Scena II

Um pobre pretinho, de 16 á 18 annos, entrou repentinamente no bilhar, afim de procurar alli quem o apadrinhasse.

O celebre doutor, fugido de Sorocaba, perseguido-o!

Esbaforido, de lingua de fóra, damnado como um cão hydrophobo, tre-

mulo e pallido como um cadaver, empunhando um enorme vergalho, gritava o celebre doutor:

— Deixem-me ensinar este cachorro!

O espanto foi geral. — Não, doutor, exclamaram algumas pessoas, por esta vez não o castigue.

— Pois bem, está perdoado e póde ir para a casa.

O pobre rapaz, julgando que a palavra de seu pretenso senhor valia alguma cousa, obedeceu-o.

Coitado!... enganou-se...

Scena III

A' poucos passos do bilhar estava postado *Raphael Mentira* com a sua brava gente.

O rapaz foi preso e mettido na cadeia publica!

Infamia!

No dia seguinte, o pobre rapaz passou sem alimento algum; e até hoje, 22 do corrente, acha-se preso!

Consta que o famoso homem fugido de Sorocaba escreveu ao maior mercador de carne humana, um tal barão da Serra Negra, convidando-o a comprar mais uma mala de carne!

O moleque continúa preso!... Foi preso pelos soldados!...

E é conservado preso na cadeia publica, sem crime algum!...

Briosa gente é essa de que se compõe o partido conservador de Tatuhy.

O desfecho da força ridicula ficará para depois.

O dr. Coriolano Dutra é bóde, tem o umbigo na costa d'África, tem raça de negro e não tem pejo de mercadejar os seus parceiros de cosinha...

Pobre diabo, por pouco não fez parte de algum comboio, de carapuça vermelha, e quer ser senhor!...

Ha em Tatuhy um outro doutor, que dá pelo nome de Aureliano da Nobrega Vasconcellos e que ultimamente, para vergonha da magistratura do paiz, foi nomeado juiz municipal!

Este infeliz que sempre tratou de causas contra escravos, fazendo petições até por 5\$000 (por falta de dinheiro e de credito) ultimamente mandou incendiar uma choupana de um pobre preto, que tentou escravisar!

O dr. Nobrega por inepto, por ignorante, por leviano, tem se sujeitado a tudo!

Depois de pertencer a quanto partido ha no mundo, vendeu-se ao partido conservador pela sua n meação de juiz municipal e é a causa unica de tudo quanto ha em Tatuhy de tórpe, de immoral e de infame!

Por tudo isto devem fazer annos: Dr. Aureliano da Nobrega Vasconcellos.

Dr. Coriolano Dutra. Dr. Raphael Mentira.

Tambem deve fazer annos: O barão da Serra-Negra, por ser o maior mercador de carne humana do nosso seculo.

O boi amarelo.

O juiz de paz do O' Na policia veiu dar Uma queixa mentirosa, Que elle não pôde provar.

O juiz de paz do O' Tem orgulho no fallar, Alli na freguezia Quer ser o maioral.

O juiz de paz do O', Até negro quer matar, Quem tem razão não se queixa; Quem não tem quer se queixar!

O juiz de paz do O' E' quem deve conciliar, Mas elle é tão soberano Que em todos quer pisar.

# IMPERIAL LOJA DO ROCHA

20-Rua da Imperatriz-20

Este importante estabelecimento, recebeu um variadissimo sortimento de calçados finos para homens, senhoras e crianças. Continúa a ser o unico depositario dos calçados **Clark & Comp.**; tem a melhor fabrica de calçados desta capital.

## Imperial Loja do Rocha

20-Rua da Imperatriz-20

## PADARIA 7 DE SETEMBRO

DE

ANTONIO MARTINS DE OLIVEIRA

2, Rua da Imperatriz, 2

VENDE-SE FARINHA DE TRIGO POR ATACADO

esco hido sortimento de rosas, biscoitos, superior chá Hysson e nacional, manteiga de diversas marcas, etc

Grande sortimento de melhados, como sejam: vinhos portuguezes e francezes, cervejas, licores finos, etc., os quaes se venderão por atacado.

S. PAULO 8

PROPAGANDA SEPARATISTA  
SÃO PAULO INDEPENDENTE  
POR  
MARTIM FRANCISCO  
500 RS.  
Em todas as livrarias

THEATRO DO POVO  
A NOIVA DE SEXTENTA ANNO  
COMEDIA EM 3 ACTOS  
Vende-se á rua da Imperatriz, 31  
CHALET, MASCOTTE

### APOTHEOSE DO GENIO CANTOS SOBRE O

SENADOR JOSÉ BONIFACIO

Esta obra em verso dedicada ao grande tribuno brasileiro, producto do dr. Henrique Marques de Carvalho, acha-se a venda nesta capital, nas livrarias Garraux, Azevedo, Escobar, G. P. Leão, Teixeira, Julio Martin e na redacção do *Liberal Paulista*.

Agente nesta capital Manoel Innocencio de Paula Simões.

### Apylacurú

Um casal de escravos forros e que residem á rua da Consolação n. 72, apresentou ao pharmaceutico Escobar um filhinho de idade de 4 annos completamente tysico, para examinal-o. A criança até essa idade era surda e não andava por falta movimento: soffria de diarrhéa, suores frios, tosse, vomitava sangue, finalmente os pulmões estavam em verdadeira fusão. Sob a agonia que se achava a pobre criança, foi radicalmente curada com o **Apylacurú**. Hoje ella anda, ouve, falla e brinca. Foi uma grande conquista e triumpho obtido.

Ha mais de 300 seculos que a tuberculose tem feito milhões de victimas. O **Apylacurú** é um raio de esperanza que vem servir de consolo para a humanidade de soffredora. Gloria a medicina indigena e ao **Apylacurú**.

Depositos:

### Drogaria Central

74—Rua de S. Bento—74

E

Pharmacia do Norte

BRAZ

(1)

# 7\$000

Capas de lã modernas para o frio.

15\$000

Capas de merinó preto, muito enfeitadas.

15\$000

Waterproofs de lã, modernos.

25\$000

Waterproofs de casemira em todas as côres e padrões.

30\$000

Vestidos de zephir, feitos pelos ultimos figurinos

40\$000

Vestidos de lã e merinós pretos ou de côres, enfeitados com rendas, vidrilhos etc, na grande officina de costuras e confecções

## LA SAISON

Travessa do Grande Hotel, 2

# A La Belle Jardinière

GRANDE SORTIMENTO DE ROUPA PARA INVERNO

Sobretudos de casemira franceza, forrada de seda la dernière mode, sobretudos de panno piloto, castor e diagona.

Cavours, ponches, polainas impermeáveis a 8\$000!! Anderson Abotti, fabricante em Londres



Chales mantas, colletes de malha, cobertores para viagem, lenços de seda e de lã e muitos outros artigos proprios para o frio.

Costumes á marinheira e de casemira, sobretudos, camisas de meias, gravatas, collarinhos para crianças de 3 a 12 annos.

# A LA BELLE JARDINIÈRE

30--RUA DE SÃO BENTO--30

TELEPHONE, 65--EM FRENTE AO GRANDE HOTEL

## A. LINO & COMP.